

PÓS-GRADUAÇÃO: ESTAMOS NO CAMINHO CERTO?

Fabio Bessa Lima e José Cipolla Neto
Professores do Instituto de Ciências Biomédicas da USP

O vertiginoso crescimento da pós-graduação no Brasil teve como resultado um crescimento animador na produção acadêmica nacional, que atinge hoje cerca de 1,5% da publicação científica mundial, sendo motivo de grande orgulho. Mas esses indicadores escondem uma realidade preocupante no que diz respeito ao destino dos nossos pós-graduandos. Que mercado de trabalho os aguarda? Se, por um lado, a pós-graduação tem sido cada vez mais rigorosamente avaliada pela Capes, por outro lado os profissionais gerados por essa política não encontram trabalho

A pós-graduação alcançou nos últimos anos enormes proporções, com números que impressionam dada sua dimensão, e que podem ser facilmente constatados em consultas no *site* da Capes. Paralelamente, um crescimento vertiginoso e animador na produção acadêmica, atingindo cerca de 1,5% da publicação científica mundial, é motivo de grande orgulho para nós. Toda essa impressionante atividade é atribuída ao vertiginoso crescimento da pós-graduação no país. Os números exibidos, contudo, não revelam uma realidade subjacente com respeito ao destino dos nossos pós-graduandos. Qual o mercado

de trabalho que os aguarda? Estaria essa animadora efervescência acadêmica adequadamente dimensionada às realidades do país?

Um aspecto importante a se considerar é que o crescimento da produção acadêmica, acompanhado da formação de um quadro crescente de mestres e doutores, foi seguido pela frenética criação de escolas particulares de nível superior com a intenção de ampliar o número de vagas nas universidades brasileiras. Deve-se entender que este movimento, a princípio, procurou cumprir a meta de facilitar o acesso de camadas cada vez maiores da população a uma educação superior. Assim, o aumento da formação de mestres e doutores viria

a preencher esse quadro crescente de demanda por professores de maior qualificação para a tarefa de oferecer ensino e pesquisa de maior e melhor qualidade.

No entanto, a oferta de mão-de-obra crescente e de qualidade criou um problema sério e perturbador para o mercado docente nas universidades particulares: o seu alto custo. Juntamente a isto, outro problema se somou: as universidades particulares, em sua imensa maioria e por diversas razões (justificáveis ou não), não têm interesse em realizar outra atividade além do ensino. Não incentivam os seus acadêmicos a buscar auxílio financeiro para o desenvolvimento de projetos acadêmicos de pesquisa e

nem buscam assegurar condições de infra-estrutura mínima para que o trabalho acadêmico de pesquisa possa se realizar. Desta forma, seguiu-se rapidamente um sucateamento da mão-de-obra acadêmica. Já que não havia interesse na pesquisa e era necessária a contratação de professores quase que exclusivamente para o ensino, a opção mais econômica (e mais lucrativa) foi a de contratar pessoal apenas para dar aulas e para cumprir meramente um programa de ensino mínimo de acordo com as diretrizes do MEC.

É fácil se deduzir daí que o mercado de trabalho, em princípio, promissor, foi completamente desvirtuado. Se, por um lado, a Pós-Graduação, seja em nível nacional ou regional, tem sido cada vez mais rigorosamente avaliada, ampliando-se os critérios para que um dado

curso ganhe a chancela de qualidade emitida pela Capes, por outro lado os profissionais gerados pela política da pós-graduação não encontram um mercado voltado para o seu real aproveitamento, gerando desânimo e incerteza nos pós-graduandos quanto ao seu destino profissional.

As instituições de nível superior públicas têm uma grande limitação quanto à tarefa de criar condições de aproveitamento dos profissionais gerados pelos cursos de pós-graduação. Novamente, o alto custo desses profissionais, bem como da infra-estrutura (laboratórios, bibliotecas, equi-

pamentos) para a execução das suas pesquisas é um aspecto fundamental do problema. Agências de fomento governamentais nem sempre estão capacitadas ou têm condições orçamentárias para enfrentar os custos da crescente demanda para a pesquisa. Ao mesmo tempo, não surgem agências de fundo privado para disputar a demanda por pesquisa científica. Seja a pesquisa dita básica, seja a aplicada.

Nos países desenvolvidos, o aproveitamento da mão-de-obra especializada gerada pelos cursos de pós-graduação se dá na esfera privada, compreendida pela indústria, empresas de prestação de serviços e outras. Em

zem são empresas multinacionais com sede fora do nosso território.

Estes são aspectos que requerem uma atuação mais atenta de políticas públicas voltadas para a pós-graduação. Não cremos que seja acertado descaracterizar ou reduzir o grau de rigor na avaliação dos cursos de pós-graduação, uma vez que essa política de avaliação, independentemente dos ajustes que precisam ser feitos, tem sido indutora da melhoria da qualidade dos cursos. É necessária uma política pública que preserve a valorização dos mestres e doutores, incentivando o seu aproveitamento em instituições superiores de ensino

e pesquisa e garantindo o aprimoramento da infra-estrutura; e exigindo, por sua vez, o maior engajamento dos recém-doutores na tarefa de geração do conhecimento.

Um grande esforço precisa ser implementado no sentido de cobrar maior envolvimento e participação das universidades particulares, ao lado de igual esforço para a melhoria das públicas. Isto irá exigir uma postura governamental mais vigilante e mais intensamente fiscalizadora da qualidade e das finalidades dos cursos superiores. Esse tipo de movimento começa a se esboçar em um ou outro curso (como o que ocorreu recentemente com alguns cursos de direito e escolas médicas) e, uma vez intensificada esta atuação, as expectativas são promissoras.

Grande esforço precisa ser implementado no sentido de cobrar maior envolvimento e participação das universidades particulares e melhoria das públicas. Isto irá exigir uma postura governamental mais vigilante e mais intensamente fiscalizadora da qualidade e das finalidades dos cursos superiores

nações que há pouco estavam em um patamar de desenvolvimento similar ao nosso, como a Coréia do Sul, ocorreu um grande salto de crescimento com a criação e o aproveitamento de tecnólogos na indústria. Essa fatia de mercado tem sido capaz de absorver 80% da mão-de-obra gerada pelos cursos de pós-graduação nestes países. Seria este um caminho para os nossos pós-graduandos? Neste aspecto particular, estamos ainda em uma fase embrionária. Poucas são em nosso meio as indústrias interessadas em absorver pessoal com formação e capacitação tecnológica. Ainda assim, as que o fa-